

# Percursos dos aprendentes ao construir Narrativas Transmídias a partir da temática - Gênero

**Resumo:** Esta pesquisa objetiva analisar a cultura participativa de aprendentes nos anos finais do Ensino Fundamental ao criarem Narrativas Transmídias (NT) a partir da temática “gênero” e seus desdobramentos enquanto tema transversal. Adotamos a Teoria ‘Cultura da Convergência’, de Jenkins (2009), cuja caracterização acontece pela convergência das tecnologias massivas e interativas e não de sua sobreposição, como suporte teórico para sustentar o objeto desta pesquisa. Nessa perspectiva, surgem as NTs como forma de narrar histórias em plataformas de mídias. A pesquisa tem abordagem qualitativa, do tipo descritiva e, como caminho metodológico, adotamos o cartográfico que analisa os percursos dos aprendentes ao produzirem NTs, contemplando, assim, a cultura participativa. A coleta de dados das etapas do processo de produção de NTs ocorreu a partir de entrevistas, análise das mídias criadas e de seus discursos. Os resultados surgiram de forma rizomática e a elaboração das NTs caracterizou-se pelo uso de diversas mídias.

**Palavras-chave:** Cultura da convergência. Narrativa transmídia. Cultura participativa. Método cartográfico.

1

## Eber Gustavo da Silva Gomes

Doutor em Educação Matemática e Tecnológica (UFPE). Professor do Centro Universitário da Vitória de Santo Antão (UNIVISA). Pernambuco, Brasil.

 [orcid.org/0000-0003-3253-8633](https://orcid.org/0000-0003-3253-8633)

✉ [ebermatematico@gmail.com](mailto:ebermatematico@gmail.com)

## Climéria Beserra Ramalho

Mestranda em Ensino de Ciências (UFRPE). Professora da Rede Privada de Ensino em Recife. Pernambuco, Brasil.

 [orcid.org/0000-0001-7687-8475](https://orcid.org/0000-0001-7687-8475)

✉ [climeriaramalho@gmail.com](mailto:climeriaramalho@gmail.com)

## Learners' paths when building Transmedia Narratives from the theme - Gender

**Abstract:** This research aims to analyze the participatory culture of learners in the end of the years of Elementary Education by creating Transmedia Narratives (NT) from the theme "gender" and its consequences as a cross-cutting theme. We adopted the 'Culture of Convergence' Theory, by Jenkins (2009), whose characterization occurs through the convergence of massive and interactive technologies and it's not about their overlap, as a theoretical framework to support the object of this research. From this perspective, NTs appear as a way of narrating stories on media platforms. The research has a qualitative approach, descriptive and, as a methodological path, we adopt the cartographic that analyzes the paths of the learners when producing NTs, thus contemplating the participatory culture. The data collection of the stages of the NT production process occurred through interviews,

Recebido em 13/09/2020

Aceito em 28/10/2020

Publicado em 28/10/2020

eISSN 2675-1933

 [10.37853/pqe.e202051](https://doi.org/10.37853/pqe.e202051)



analysis of the created media and their speeches. The results appeared in a rhizomatic way and the elaboration of the NTs was characterized by the use of several media.

**Keywords:** Convergence culture. Transmedia narrative. Participatory culture. Cartographic method.

### **Caminos de los estudiantes al construir narrativas transmedia desde el tema - Género**

**Resumen:** Esta investigación objetiva analizar la cultura participativa de aprendices en los años finales de la Enseñanza Fundamental desde Narrativas Trasmideas (NTs) a partir de la temática “género” y sus desplegamientos mientras tema transversal. Adoptamos la teoría ‘Cultura de la Convergencia’, de Jenkins (2009), cuya caracterización sucede por la convergencia de las tecnologías masivas e interativas y no por la superposición como soporte teórico para mantener el objeto de esta investigación. En esta perspectiva, surgen las NTs como molde de narrar historias en plataformas de medias. Este estudio se basa en el abordaje cualitativo del tipo descriptivo. Perseguimos el camino metodológico cartográfico a medida que analiza bien la trayectoria de los aprendices mientras producen NTs. Así, se contempla la cultura participativa y la coleta de los datos sobre las etapas del proceso de producción de NTs. Sucedió también tanto a partir de las entrevistas como por los análisis de las medias construidas y sus discursos. Los resultados surgieron de modo rizomático y, la elaboración de las NTs, se caracterizó por el uso de distintas medias.

**Palabras clave:** Cultura de la convergencia. Narrativas transmedias. Cultura participativa. Método cartográfico.

## **1 Introdução**

Com a imersão da cultura digital observamos o conteúdo midiático oferecendo possibilidades de alternativas aos sujeitos que emergem da comunidade de fãs, característicos da Cultura da Convergência, no qual, discutem-se determinadas temáticas a partir da utilização de Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC). O protagonismo dos fãs vai além da interpretação textual, pois eles discutem nas redes, analisam as informações e opinam sobre elas, a partir de compartilhamentos de

arquivos. Este processo contribui para acelerar a aprendizagem e faz com que a transmídiação seja fator primordial nas para leituras críticas, contribuindo na construção de hipóteses, contextualizações e relações na prática da cultura participativa. Nesta conjuntura, os sujeitos geram releituras de fatos e/ou informações, que favorecem novas possibilidades de redes discursivas e transformam as comunidades de fãs em um novo espaço de convívio social e de trocas constantes (Massarolo & Mesquita, 2014).

Nesta perspectiva, as relações entre os sujeitos tornam-se rizomáticas, caracterizando a cultura participativa, descartando as possibilidades de hierarquização dos conhecimentos, rompendo os paradigmas das relações corporativas, protagonizando as relações entre os pares de forma interativa e mobilizando organizações entre os fãs – em colaboração – na sociedade em rede e líquida (Bauman, 2009; Castells, 2009). A caracterização desse processo se dará em função das interações e colaborações de rede a partir do texto ficcional, acarretando em produções inacabadas e construções constantes, ou seja, o texto é aberto e sob ele poderá ter vários olhares fragmentados, que se relacionam para além do texto inicial, com constante progresso.

Tomando como referência este contexto inerente à cultura digital, destacamos o surgimento da Narrativa Transmídia (NT) que emerge de uma história inicial e de um mapa do mundo retratado, do ponto de vista de outros personagens participantes da ação que dependem, a partir de uma temática, da interação dos usuários/fãs para seu desenvolvimento. Jenkins (2009) sintetiza que uma NT deve combinar dois elementos primordiais que acabam por gerar um terceiro, a saber: uma intertextualidade radical e a multimodalidade, visando a criação da compreensão aditiva. Esse universo de NT surge a partir do consumo de mídias pelos sujeitos.

A cultura da convergência é uma discussão que aponta as tecnologias interativas não se sobrepondo às massivas, mas convergindo-as. Com base nestas questões, as NTs favorecem as colaborações entre os sujeitos que são protagonistas no processo de produção, através da convergência tecnológica, cultura participativa, assim como revelam possibilidades de inteligência coletiva.

No passado, o letramento digital estava relacionado com o consumo de plataformas, conexões e serviços na internet como indicadores do nível de inclusão

digital. Hoje, em oposição, considera-se o letramento midiático que vai além do conhecimento inicial e está relacionado com as aptidões individuais e práticas sociais (Livingstone, 2011).

As NTs surgem através de uma lacuna a partir da narração inicial e caracterizam-se pela migração de mídias que surgem entre os sujeitos para contar novas histórias e completar as narrações iniciais, sejam com vídeos e /ou discussões nas redes, possibilidades de games, paródias, blogs, etc. O que faz a diferença na Narrativa Transmídia de outras narrativas, é que ela é dividida em partes que são veiculadas por diferentes meios de comunicação (Jenkins, 2009; Cannito, 2010; Gosciola, 2012).

Entre as discussões sobre NT, apontamos Gosciola (2012) ao afirmar o que ocorre no processo de transmídiação nos sujeitos, quando os mesmos fazem a reflexão sobre o processo de construção da NT, estabelecendo conexões entre as histórias, suscitando os sujeitos a buscarem outras narrativas. Já para Massarolo (2014) o discurso entre as discussões da NT e a própria, não coincide com narrativa, onde a visão total é a soma de todo o universo narrativo.

## 2 Narrativas Transmídias

Engana-se quem acredita que a TV será substituída. Apesar do crescimento das novas mídias, a televisão vem demonstrando um poder de se adaptar, como podemos observar o discurso a seguir:

[...] o que eu sei é que o conteúdo televisivo permanecerá – e posso afirmar que terá mais audiência que qualquer outro tipo de conteúdo audiovisual de qualquer outra mídia. Por um motivo muito simples: a televisão visa às grandes audiências genéricas, enquanto a internet e celular visam ao conteúdo segmentado (Cannito, 2010, p.26).

Neste pensamento, o autor reforça cinco mitos sobre a televisão digital: 1) A concorrência entre as mídias: no contexto histórico, uma mídia não sobrepõe a outra, pelo contrário, elas convivem permanecem, interagem, se complementam e se retroalimentam; 2) O fim da narrativa, diante o advento da interatividade. Em relação a esse aspecto, destaca-se o sucesso das séries televisivas, que têm cada vez mais links entre os episódios que as assistem, que buscam a reprise em um site, acompanhar toda a

história (...), o que reforça a importância da narrativa; 3) A interatividade: o fato de ser interativo, não garante qualidade; 4) A dicotomia entre a TV genérica (aquela que é comum a todos) e a TV segmentada (cada um vê o que quiser, como e na hora que quiser); 5) A transformação do público em realizador: apesar do fácil acesso, nem todos querem fazer televisão (Cannito, 2010).

Baseado nessa questão, Jenkins (2009) também não acredita na possibilidade das atuais mídias sobrepuem as antigas, alegando que elas convergem. Sendo assim, essa fluência denomina-se a cultura da convergência, onde mídias antigas e atuais agregam-se. A Transmídia ou Narrativa Transmidiática é a integração de conteúdos e meios com o objetivo de evidenciar a colaboração do usuário, que passa a ter vez e voz (Jenkins, 2009). A NT é uma história expandida, dividida em várias partes, que são distribuídas entre diversas mídias, cujos autores têm autonomia para melhor expressar a sua narração. Assim, todas as mídias e todas as partes da história são integradas, ainda que não precisamente do mesmo modo.

O mesmo autor, também nos revela a importância das redes sociais para a transmídia e vídeos virais - ainda que não sejam obrigatórios. O que faz a diferença na NT de outras narrativas, é que ela é dividida em partes que são veiculadas por diferentes meios de comunicação, consagra dentro da cultura digital, se estabelece na relação com a cultura da convergência e, que independe de tecnologia e mídias, pode manifestar-se na cabeça de quem o constrói, em uma empresa de grande porte, ou em um quarto de um adolescente que pesquisa e produz conhecimentos (Jenkins, 2009; Cannito, 2010; Gosciola, 2012).

Resende (2013) define a NT como uma proposta de narrativa que é construída através de várias plataformas diferentes, desde que possibilite ao público interações sobre o que é produzido pelos participantes, possibilitando uma relação de trocas no processo de construção de modo a influenciar nas produções deste universo transmidiático.

Outra caracterização da NT é contemplada na visão de Massarolo & Mesquita (2013):

[...] o mundo de histórias da narrativa transmídia promove a imersão das audiências em novas formas de experiências, nas quais as histórias mais significativas reforçam a noção de pertencimento a um universo narrativo mais amplo. Assim, uma história ao ser desdobrada para outras mídias é compartilhada por novas audiências. [...] a NT oferece em cada mídia experiências de mundo que sejam únicas e exclusivas, desde que esse mundo seja estruturado de forma coesa e coerente (Massarolo & Mesquita, 2013, p. 36).

Quando os sujeitos que produzem NT conseguem fazer a migração entre as possibilidades de mídias, caracterizando a intermedialidade, tais NT oferecem em cada mídia novas experiências de mundo, muitas vezes exclusivas e únicas, fortalecendo as construções cognitivas já elencadas no processo de letramento midiático.

Gosciola (2012) contribui com essas reflexões, discutindo as NT com objetividade de colaborar com possibilidades de reflexões teóricas do ponto de vista conceitual e pela caracterização do processo de transmídiação, a partir de uma obra literária. Ele afirma:

[...] espera-se chegar a uma produção textual que reporte e reflita o exercício de transmídiação, e que com isso se compreenda como caracterizar o personagem, revelar ou ocultar as motivações do personagem e as imagens, como demonstrar o relacionamento de quem o diz com cada outro personagem, como tornar as narrativas conectivas, ou seja, cada narrativa convida o vivenciador (no caso é preferível utilizar esse termo a jogador, interator, ou outro similar) a procurar uma nova narrativa e/ou um novo meio de comunicação, como o vivenciador pode ajudar a conduzir a ação, como um meio em uma narrativa pode melhor alternar, elucidar o que acabou de acontecer e anunciar o que vai acontecer (Gosciola, 2012, p. 132).

Gosciola (2012) apresenta as NT como uma proposta de produção que leve o sujeito a reflexão no processo de transmídiação, caracterizando personagens e suas reais motivações com outros personagens, tornando as narrativas conectivas, ou seja, cada NT convida o vivenciador a pesquisar/vivenciar novas possibilidades de NT, construindo e (re)significando.

É interessante abordarmos outro olhar de Massarolo (2014) ao afirmar que o discurso de uma NT nunca coincide com a história da narrativa, onde a visão total é resultante de contribuições de cada NT, ou seja, o todo é maior que a soma das partes.

Outra caracterização das NT nos diz que estas são construídas através de suas 'brechas', consideradas campos férteis dos usuários para as construções de suas NT (quando nas redes os usuários produzem narrativas, apresentando, sobretudo, falhas nas gravações e/ou continuidades de cenas não mostradas na 'narração oficial'). Tais 'brechas' são essenciais para o processo de migração das construções de NT pelos

autores e percebidas pelo público. Assim, as propostas de NT baseiam-se na autoria compartilhada e permitem a interação dos sujeitos com o texto ficcional, muitas vezes, com a obra em andamento (Jenkins, 2009).

Diante da complexidade que envolve o conceito de NTs, faz-se necessário o entendimento do contexto em que elas surgem. Jenkins (2009) em sua obra “Cultura da Convergência” diz que as atuais mídias interativas não sobrepõem as antigas (massivas, como rádio e TV), mas que convergem em virtude da coexistência. Esse autor afirma também que, nessa nova cultura, as mídias atuais e as antigas estão convergindo, em colisão, se misturando. Isso contradiz o que se dizia: que as atuais seriam substituídas, ou seja, que a televisão iria substituir o cinema, assim como, a internet iria agrupar todas as mídias.

Nesse sentido, o paradigma da revolução digital alegava que os novos meios de comunicação digital mudariam tudo. O que podemos notar é que uma coisa contribui com a outra, configurando uma mudança cultural, não apenas por aceitação, mas como os processos passam a acontecer em relação com as mídias (Jenkins, 2009).

A proposta não é unificar as diversas mídias, mas relacioná-las, possibilitar coexistências, assim como ocorre com os papéis de emissores e receptores, que se misturam nas relações com elas. Com este olhar, Jenkins (2009, p. 29) enfatiza:

[...] por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação, entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando [...] A convergência não poderá ser compreendida como um processo tecnológico que une múltiplas funções dentro dos mesmos aparelhos. Em vez disso, a convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídias dispersos.

Como podemos observar, o autor aponta que a convergência não se resume apenas em transformar histórias em plataformas e mídias diferentes, ela avança para além: contempla formas de transitar nas diversas mídias, temáticas diferentes a partir do olhar de cada sujeito que produz.

A convergência não ocorre por meios de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com os outros. Cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana (Jenkins, 2009, p. 30).

Para Jenkins (2009) a convergência surge a partir de nossas compreensões de mundo, relacionado com nossas vivências sociais e humanas, articulando com as mídias que usamos. Não se resume a uma transformação tecnológica, em que várias formas de reproduzir a mídia serão sintetizadas em apenas uma, o que ele chama de ‘falácia da caixa preta’, pelo contrário, o que muda são os papéis de emissor e receptor que se misturam. “A convergência das mídias é mais do que apenas uma mudança tecnológica. A convergência altera a relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos” (Jenkins, 2009, p. 43).

Como podemos perceber nos exemplos apontados, a convergência surge a partir do pensamento das pessoas e das relações estabelecidas. Elas, ao apropriarem-se das mídias existentes e dos múltiplos canais de comunicação, relacionam seu pensar com outros pensares a partir da interatividade com outros sujeitos.

Apontamos a interatividade como algo propício das produções e intervenções que existem na convergência, que por sua vez concretiza-se como processo coletivo que se dá em termos de consumo. Inclusive, tal convergência se aproxima da compreensão do processo de coletivo e relaciona-se com a inteligência coletiva, ao juntarmos o desenvolvimento da convergência e a utilização das mídias, nasce a narrativa transmidiática, como um modelo de convergências das mídias, com participação ativa das comunidades de conhecimento “[...] a convergência refere-se a um processo, não a um ponto final. Não haverá uma caixa preta que controlará o fluxo midiático para dentro de nossas casas” (Jenkins, 2009, p. 43).

### **3 Transdisciplinaridade como alternativa para o ensino disciplinar**

Não temos razão de permanecermos com a compreensão de educação ainda verticalizada com alunos passivos e professores supostamente detentores do saber. O conhecimento não se limita a forma conteudista, sendo assim devemos criar

possibilidades e oportunidades de modo que o aprendente seja protagonista e ativo na produção de seu conhecimento. Precisamos refletir sobre o que muda na educação, sobretudo na filosofia e na compreensão do professor, contemplando a forma de como a escola poderá contribuir. Assim, o trabalho deverá ser coletivo, colaborativo para a necessidade de mudanças, e não permanecer de forma estanque e isolada.

Disciplinas fragmentadas não favorecem aos sujeitos darem conta das demandas sociais e atuais do mundo. A escola precisa oportunizar possibilidades para os aprendentes refletirem sobre os conceitos científicos de forma integrada de modo a fazê-los desenvolver atitudes responsáveis e posturas críticas frente às diferentes problemáticas que os cercam.

Um ensino de qualidade tem como meta, garantir a aprendizagem dos alunos e a escola precisa de um perfil democrático, no que tange suas objetividades educacionais. Inclusive, encontramos na Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB) que é dever da escola o compromisso de educar os alunos dentro dos princípios democráticos. Logo, o desafio que temos em integrar as áreas de conhecimento é grande. Portanto, não nos cabe mais pensarmos os fatos e temáticas de forma compartimentada.

Nessa perspectiva, o Currículo de Pernambuco (2018, p 34), enquanto documento, aponta para temas sociais e saberes que envolvem várias dimensões de conhecimento, como: política, social, histórica, ética e econômica. Tais dimensões são necessárias à formação integral dos estudantes e devem integrar o cotidiano da escola. Segundo este documento, o que une estas temáticas é o fato de se relacionarem a diferentes componentes curriculares, garantindo uma abordagem interdisciplinar, transversal e integradora.

Exigindo uma articulação entre as disciplinas, concretizando com cooperação e diálogos entre elas, surge a interdisciplinaridade. Destacamos a permanência dos interesses próprios de cada disciplina, porém, buscam soluções dos seus próprios problemas através da articulação com as outras disciplinas.

A interdisciplinaridade se apresenta como problema pelos limites do sujeito que busca construir o conhecimento de uma determinada realidade e, de outro lado, pela complexidade desta realidade e seu caráter histórico. Todavia esta dificuldade é potencializada pela forma específica que os

homens produzem a vida de forma cindida, alienada, no interior da sociedade de classes (Frigotto, 1995, p.31)

A interdisciplinaridade poderá ser uma alternativa às questões da rigidez que observamos nas compreensões disciplinares, com objetivo de compreendermos o todo e não apenas as partes. Podemos considerar que existe certa urgência em desenvolver práticas educacionais dentro da perspectiva interdisciplinar e/ou transdisciplinar. Analisando historicamente, o currículo escolar tem proposto a fragmentação do conhecimento e as aulas não superam horários disciplinares, no qual, o foco é a disciplina de forma isolada, impossibilitando por vezes o conhecimento contextualizado.

O mundo é complexo e dentro desta perspectiva a interdisciplinaridade é uma estratégia didática para superar a fragmentação do que a compreensão disciplinar promove, com visões simplistas do conhecimento. Portanto, concordamos com Medeiros et al (2017, p. 28) ao afirmar que: “[...] o modo mais eficaz de estudar a natureza é considerá-la complexa, lançando mão de múltiplas informações e olhares. Esta é simultaneamente, a proposta e o desafio interdisciplinar”. Logo, a interdisciplinaridade torna-se um desafio para os docentes que atuam dentro desta perspectiva, mas é uma oportunidade de enxergarmos a complexidade dos objetos de estudos e fazer o trabalho pedagógico.

Uma outra questão que favorece propostas interdisciplinares, são as propostas a partir de atividades contextualizadas. Luck (2007, p. 54) afirma que:

[...] a superação da fragmentação e linearidade, tanto do processo de produção do conhecimento, como do ensino, bem como o distanciamento de ambos em relação à realidade, é vista como sendo possível, a partir de uma prática interdisciplinar.

Além da construção de forma integrada, as práticas educacionais de forma contextualizadas favorecem as rupturas disciplinares que são tradicionais nas práticas escolares. Tais práticas favorecem o prazer de aprender e aproximam os conteúdos com as realidades vivenciadas pelos aprendentes, levando-os a compreensão de uma educação continuada, ou seja, o conteúdo perpassa a forma disciplinar, estanque e verticalizada.

Coaduna-se com estes olhares, as Diretrizes Curriculares Nacionais (Brasil, 2013, p.34) ao afirmar a interdisciplinaridade e a contextualização:

[...] devem ser constantes em todo o currículo, propiciando a interlocução entre os diferentes campos do conhecimento e a transversalidade do conhecimento de diferentes disciplinas, bem como o estudo e o desenvolvimento de projetos referidos a temas concretos da realidade dos estudantes.

Relacionar as áreas de conhecimentos em seus diferentes significados são formas de potencializar as aprendizagens, construindo novas significações. Entretanto, contextualizar perpassa os conteúdos e/ou disciplinas. Segundo Pinheiro (2005, p.109), a contextualização “[...] requer um comprometimento com a realidade social dos educandos, sendo, portanto, um processo de investigação coletiva, um interrogar permanente sobre a cotidianidade contraditória frente ao papel que deve cumprir a escola”. Em linhas gerais, são situações de aprendizagem com objetividade de contextualizar e poderão ser uma estratégia para o estímulo dos aprendentes, visto que fazem reflexões a partir das suas realidades sociais.

As compreensões das contextualizações e problematizações evidenciam a participação do aprendente, independe de uma prática interdisciplinar. Logo, “[...] é preciso orientar e organizar o aprendizado de forma que cada disciplina, em sua especificidade, possa desenvolver conhecimentos integrados, examinando o objeto de estudo disciplinar em seus diferentes contextos de significação [...]” (Kato; Kawasaki, 2011, p.47).

Fazenda (1994, p.31) corrobora com sua ideia de que “o estudo contextualizado determina uma forma de aprendizagem dinamizada e integrada com a realidade de cada aluno”. Convergingo para a visão da autora nos deparamos com as Diretrizes Curriculares Nacionais (Brasil, 2013, p.118) destaca que:

[...] é preciso considerar a relevância dos conteúdos selecionados para a vida dos alunos e para a continuidade de sua trajetória escolar, bem como a pertinência do que é abordado em face da diversidade dos estudantes, buscando a contextualização dos conteúdos e o seu tratamento flexível.

Pensar em propostas educacionais como as produções de NT com possibilidades de contextualizações dá condições aos aprendentes de valorização das práticas

educacionais mediadas pelo docente, assim como, de valorização das vivências e experiências dos aprendentes nas suas práticas sociais com as práticas efetivadas na educação.

Por outro lado, analisando os desdobramentos aqui discutidos como alternativas a perspectiva de educação disciplinar, percebemos que limitar-se às construções disciplinares, já não dá mais conta da necessidade atual e social. Não desmerecemos os conhecimentos disciplinares, assim como, as didáticas específicas de cada disciplina. Entretanto, precisamos construir significados com pensamentos na educação de forma transdisciplinar.

Como descrito por Moraes (2015, p.19):

[...] precisamos de uma política de educação integral de natureza complexa e transdisciplinar e de uma prática pedagógica correspondente, capaz de promover uma educação com um duplo compromisso. De um lado, requer-se uma nova proposta educacional capaz de colaborar para que o sujeito aprendente supere e transforme as condições materiais de sua existência, condições essas que impedem seu pleno desenvolvimento como seres acoplados a um contexto, a uma realidade sociocultural que o engloba e, ao mesmo tempo, o restringe. Uma educação que atue, portanto, no âmbito do estar, para que ele possa sair da opressão em que vive. E de outro lado, necessitamos de uma educação que seja transformadora de suas condições psicológicas, cognitivas, afetivas, e espirituais e que favoreça seu pleno desenvolvimento humano, atuando, portanto, no âmbito do ser.

Baseado na afirmativa da autora, as necessidades de mudar a visão quanto a educação se faz necessário. Não apenas do ponto de vista metodológico, desenvolvendo habilidades e competências nos alunos, mas do ponto de vista psicológico, cognitivo, em vários campos essenciais a sua integridade enquanto ser.

O grande problema é que ainda se evidencia a separação das disciplinas, e a fragmentação das partes. Ela é muito forte nas práticas educacionais, proveniente da compreensão significativa ainda cartesiana. A escola não reconhece a complexidade presente nos processos de aprendizagem, desconsiderando o sujeito enquanto integrante dessa complexidade humana, excluindo, inclusive, sua subjetividade e priorizando apenas os conteúdos estabelecidos. Logo, o conhecimento fica cada vez mais comprometido, visto que, o processo de conhecer, ser, fazer e con(viver) se faz necessário nas relações com o mundo.

Corroborando com este pensamento, apresentamos o pensamento de Moraes (2015, p.21) quando afirma:

[...] uma educação que resgate o diálogo, entre os elementos integrantes do triângulo da vida, constituído pelas relações indivíduo/sociedade/natureza; que resgate e valorize a vida no seu sentido mais amplo e, em especial, a reconheça nos ambientes de ensino e aprendizagem, percebendo-o como obra sempre aberta que se auto eco-organiza sempre que necessário.

Este olhar da autora incorpora-se ao pensamento de Freire (1996) que enfatiza a educação através de diálogos, que são imprescindíveis a aprendizagem dos sujeitos, enquanto sujeitos autônomos, reflexivos e ativos no processo educacional.

De outro modo, Moran (2000) caracteriza as diferenças entre educação e ensino. Para ele, o ensino enfatiza as questões mais voltadas apenas aos conteúdos, de forma estanque e disciplinar, fazendo jus ao pensamento cartesiano. Ao contrário, ele aponta a educação como algo para além das disciplinas, algo que construa significado para os aprendentes por meio de aprendizagens significativas, orientando-os para uma perspectiva cidadã, social e integral.

Estas reflexões fortalecem uma educação que rebusca o diálogo entre os elementos integrantes da vida: indivíduo/sociedade/natureza, cujo objetivo é o “resgate e valorização da vida no seu sentido mais amplo, e em especial, a reconheça nos ambientes de ensino e aprendizagem, percebendo-o como obra sempre aberta que se autoecoorganiza sempre que necessário” (Moraes, 2015, p.21).

Assim, devemos pensar em uma educação que promova estratégias didáticas criativas, inovadoras, que contemple metodologias de aprendizagem significativas, sobretudo com o uso de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), integrando o conhecimento experiencial que os alunos têm na vida, visto que, a aprendizagem implica processos de natureza complexa que sempre são ignorados.

Moraes (2015, p. 38) traz para o campo educacional a seguinte reflexão: “a realidade passou a ser fruto de uma engenharia complexa, ou seja, produtos de interações, inter-relações, inter-retroações, mestiçagens e processos de interdependência que ocorrem em todos os sistemas organizacionais”.

Essa autora enfatiza a questão de “novas gaiolas disciplinares”, que o professor precisa superar, ou seja, ver e analisar além das formações disciplinares, pois diante dos fatos, exigem-se do professor novos olhares, sobretudo, o olhar epistemológico e o rigor metodológico para alcançar outros horizontes. Sendo assim faz-se necessário enxergarmos para além, com possibilidades transdisciplinares, contemplando o aprendente como um todo, para além dos discursos dissociados, estagnados e disciplinares.

#### 4 Metodologia

Esta pesquisa foi realizada em uma escola privada na cidade do Recife. Os participantes foram alunos do nono ano do Ensino Fundamental. A intervenção da proposta educacional foi concretizada em aulas do componente curricular – Biologia. Neste momento de intervenção, o protagonismo foi dos aprendentes baseados em temas transversais, a partir da temática – Gênero. Tivemos como início o objeto de conhecimento - cariótipo e fenótipo - em seguida, discutiu-se sobre as questões de gênero e suas diversidades, entre eles a temática que encontrava-se em evidência, naquele momento - caso Thammy e a Empresa – Natura<sup>1</sup> e em seguida, emergiu dos aprendentes a necessidade de pesquisa sobre pessoas transgênero na ciência. Tivemos seis grupos de sujeitos em cada grupo. Eles produziram as NTs a partir da mediação docente, com tempo de quatro semanas. Neste período de tempo, houve um debate sobre os problemas vinculados às questões de gênero. A partir disso, surgiu o processo de transmediação nos grupos. A produção das NTs revelou a cultura participatória que emergiram no processo.

A presente pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa do tipo descritiva, com o intuito de investigar o objeto proposto. A abordagem qualitativa, segundo Oliveira (2016), busca refletir e analisar uma determinada realidade se utilizando de métodos e

---

<sup>1</sup> Este caso gerou polêmicas em razão do artista – Thammy ser chamado para ser protagonista do comercial da Empresa Natura no período do dia dos Pais (questões de transfobia).

técnicas para sua compreensão e tem como proposta descrever características de determinada população ou fenômeno, envolvendo técnicas de coleta de dados.

Oliveira (2016) complementa que a pesquisa descritiva é abrangente, permitindo analisar fatos e/ou fenômenos, descrevendo-os de forma detalhada e profunda. O campo da pesquisa se deu no ambiente virtual de aprendizagem de uma Escola de instituição privada de ensino em Educação Básica, localizada em Recife-PE. Na ocasião, devido à pandemia, a escola optou por desenvolver suas atividades na modalidade remota<sup>2</sup> o que permitiu um maior engajamento dos estudantes na elaboração de atividades no processo de construção de narrativas transmídias.

Esta pesquisa é de método cartográfico, caracterizado pelo estudo descritivo que se fundamenta na subjetividade e nas relações com o contexto social e humano. Para o estudo da natureza do trabalho, consultamos a obra de Deleuze e Guattari (1995) em que os autores discutem o “rizoma” enquanto modelo de pensamento, como proposta metodológica que nos remete ao conceito de cartografia voltada à investigação. Os autores consideram, entre muitas possibilidades de estudos quantitativas e qualitativas, o método cartográfico, que revela dados com ampla diversidade, identifica realidades, descreve a forma como se expressam suas organizações e sistematizações com vieses transversais, de forma complexa — muitas vezes, com dificuldades para abarcá-las numa explicação reduzida e que transforme os resultados em textos lineares (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015). A cartografia é aqui discutida como método de pesquisa-intervenção, com o objetivo de orientar o trabalho do investigador. Não com regras pré-estabelecidas e/ou estruturas idealizadas, mas como forma de rever os métodos já formalizados e superados por um percurso que considere os efeitos do processo de pesquisa (Passos; Barros, 2015). Baseada nestas afirmativas iniciais, a averiguação se caracteriza por construir um mapa do percurso dos sujeitos, a partir da cultura da convergência de Jenkins (2009), para evidenciar a cultura participativa. A pesquisa-

---

<sup>2</sup> A pesquisa foi realizada em um período pandêmico (Novo Coronavírus) após um Decreto Estadual, definindo as aulas remotas no estado de Pernambuco, a partir do dia dezoito de março do corrente ano, conforme consta no Diário Oficial do Estado de Pernambuco. A epidemia surge em meados de dezembro de 2019 na China tornando-se pandêmica ao chegar em outros continentes, especificamente no Brasil no início de março de 2020.

intervenção é inerente à prática do método cartográfico e tem por objetivo possibilitar formação de espaços de problematizações coletivas; produz um novo saber e fazer educacional, a partir de indagações participativas, feitas com a intenção de entender a coletividade, na perspectiva qualitativa. É importante destacar que, na pesquisa-intervenção, a relação do estudioso com o objeto é dinâmica, o que pode determinar a autonomia de quem indaga e os caminhos da sua busca; a produção emerge de um grupo envolvido ou dos sujeitos participantes, e se caracteriza pela ação, construção e reflexo do trabalho coletivo (Aguiar; Rocha, 1997).

## 5 Análises dos dados

Para iniciarmos as análises estaremos seguindo a sequência das ações dos sujeitos no processo de construção de NT. Logo, faremos as discussões que emergiram da Convergência Tecnológica, característica inerente da Cultura da Convergência. Iniciaremos com as hipóteses levantadas pelos sujeitos, em seguida – a Transmídia e a efetivação NT que emergiram.

16

### 5.1 Hipóteses que emergiram da construção de NT

Neste momento daremos início às análises das ‘hipóteses’ levantadas dos sujeitos, a partir da Convergência Tecnológica. Destacamos a fala do sujeito E5 que levantou a hipótese de fazer uma construção de NR possibilitando uma homenagem a uma cientista trans, como podemos observar na figura 1.

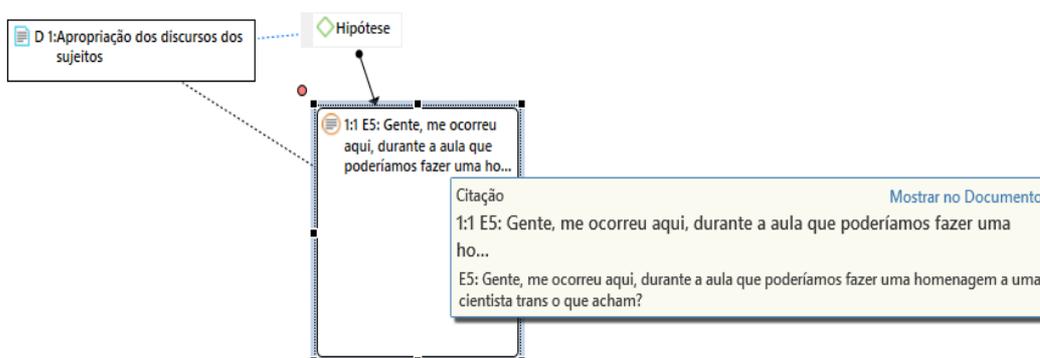


Figura 1 – Hipótese do sujeito E5 ao construir NT  
Fonte: Os autores

Essa ideia levantada pelo sujeito E5 revela as relações que foram construídas a partir da temática iniciada pelo mediador, conforme descrevemos na metodologia, o que caracteriza a extensão da discussão inicial, criando as possibilidades de NT a partir de um fio condutor (temática) e gerando os processos de transmídiação baseados nas 'brechas' encontradas pelo sujeito. A ideia de levantar hipóteses para a expansão emerge baseado na discussão provocada pelo docente/mediador que provocou a discussão inicial, o que nos revela a relação defendida Freire (1996) ao apontar a escola como um espaço que precisa discutir as vivências dos aprendentes e não limitar-se apenas as questões curriculares, ou seja, os aprendentes precisam ser mediados pelos professores considerando os saberes prévios, sua cultura para que eles se coloquem diante de suas realidades, levantarem hipóteses, sobre as suas vivências e realidades, buscando soluções.

Continuando as análises, observamos as ações dos sujeitos ao construírem suas NT. Neste momento estaremos apresentando as Transmídias quem emergiram.

## 5.2 Transmídias

Quando pensamos nas transmídias, estamos falando sobre as possibilidades de construções de mídias que emergiram a partir dos sujeitos de pesquisa, conforme podemos caracterizar na figura 2.

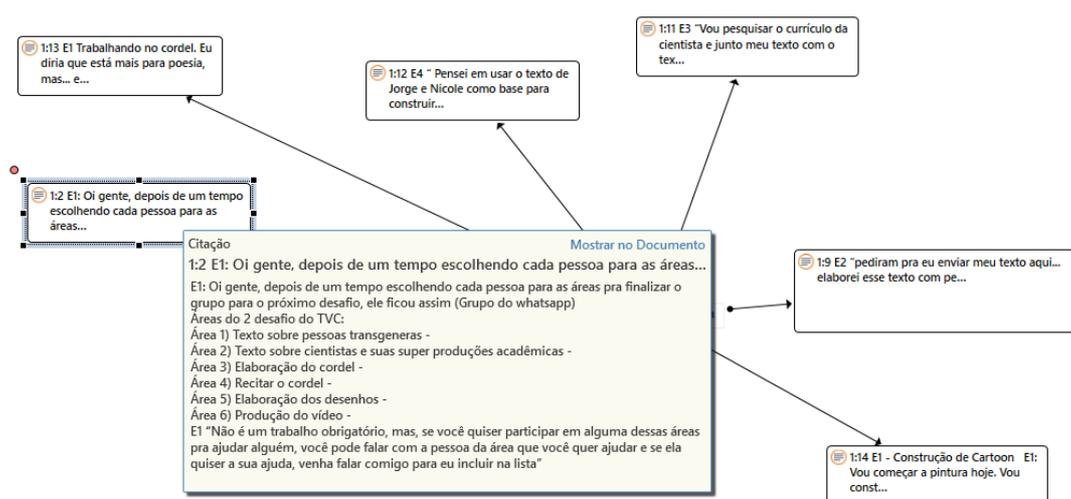


Figura 2 – Transmídias que emergiram  
Fonte: Os autores

Observamos o sujeito E1 socializando em seu discurso as informações do que cada grupo de sujeito de pesquisa iria construir. Observamos a pluralidade de ideias para o processo de transmediação. Entre eles destacamos os gêneros textuais – o texto sobre pessoas transgêneras, texto base sobre a cientista e suas pesquisas acadêmicas, elaboração e recitação de cordel, produção de desenhos e vídeos que correlacionaram a temática inicial – gênero.

Outra questão que precisa ser evidenciada a partir das construções de NT dos sujeitos é sobre o processo de contextualização que foi revelado. Os sujeitos enfatizaram as características e necessidades de aprofundamentos no processo de construção, gerando possibilidades de expansão deste universo iniciado no processo de mediação e nos faz remetermos a Pinheira (2005), que revela a contextualização como um compromisso com a realidade social dos educandos, com possibilidades de promover situações de aprendizagem com objetividade de contextualizar, e poderá ser uma estratégia para o estímulo dos aprendentes, visto que fazem reflexões a partir das suas realidades sociais.

### 5.3 Narrativas Transmídias

Quando discutimos sobre as NT dos sujeitos, observamos os discursos dos gêneros textuais que emergiram nas respectivas ações. Observe o sujeito E3, que teve por iniciativa de pesquisar o currículo Lattes da cientista trans e tem por objetivo de apresentar a sua vida acadêmica evidenciando sua atuação na ciência, como podemos observar na figura 3.

Como podemos observar, o sujeito E3 tem por objetividade de pesquisar a vivência da mulher trans na vida acadêmica e seu percurso e história de vida. O que nos revela autonomia e protagonismo do sujeito e a imersão do mesmo em sua prática de inteligência coletiva inerente da cultura digital, e destacamos, sobretudo, a autonomia de pesquisar na rede para a efetivação da construção de suas NT.

Já o sujeito E1 construiu um cartoon relacionando a imagem com o fortalecimento da identidade da pessoa trans, oportunizando visibilidade ao público, que no geral, não constroem carreira acadêmica, sobretudo por que a expectativa de

vida é em torno dos trinta e cinco anos, o que não garante o fortalecimento das pessoas trans na sociedade, muitas vezes marginalizadas pela sua identidade de gênero, o que precisa ser fortalecido na efetivação das discussões das práticas educativas.

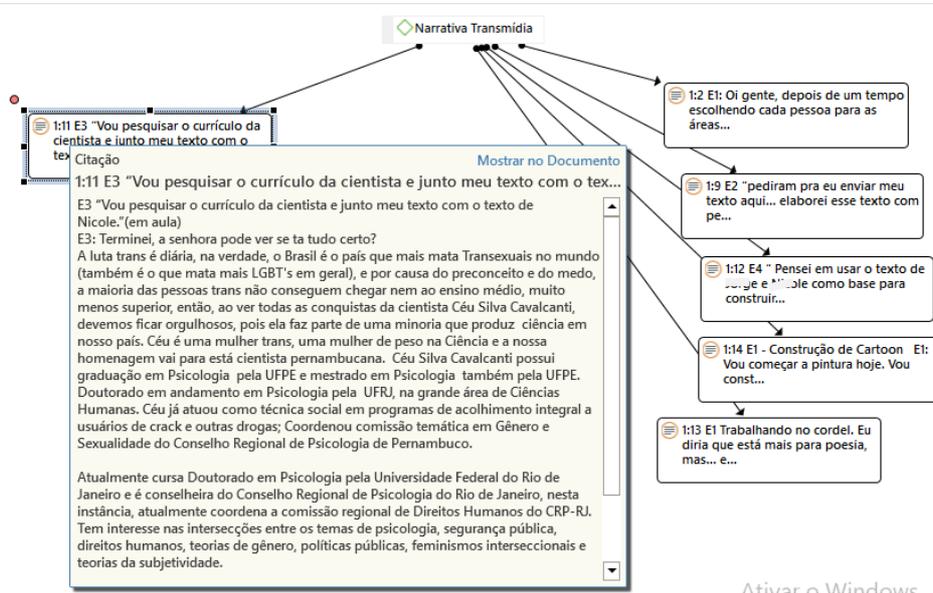


Figura 3 – NT construída pelo sujeito E3  
Fonte: Os autores

A seguir, temos a figura 4 que se remete a construção de NT do sujeito E1 – cartoon.

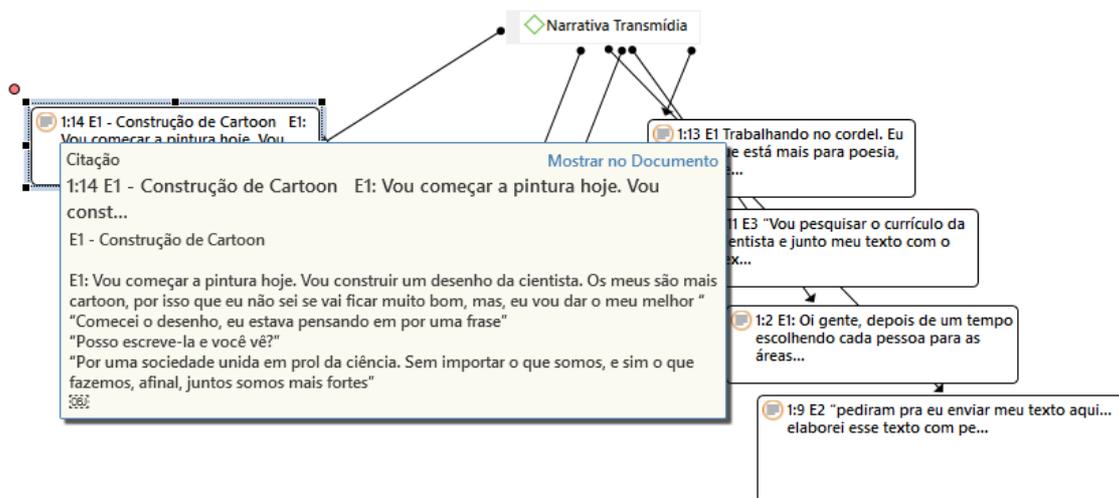


Figura 4 – NT construída pelo sujeito E1- cartoon  
Fonte: Os autores

Baseado no que vimos com o sujeito E1, Jenkins (2009) afirma que as NT são produzidas através de 'brechas' e são consideradas campos férteis para o processo de imaginação, principalmente por discutir uma temática. O que revela o protagonismo do sujeito ao representar a cientista através de uma mídia que representa suas habilidades e competências expressando o que ele pesquisou sobre a cientista e principalmente por levantar uma discussão pela pluralidade de gênero e que independente temos que valorizar seu trabalho, dignidade e caráter.

Uma outra produção que chamamos a atenção e revelada pelo sujeito E1 com uma proposta de gênero textual – cordel, conforme a figura 5.

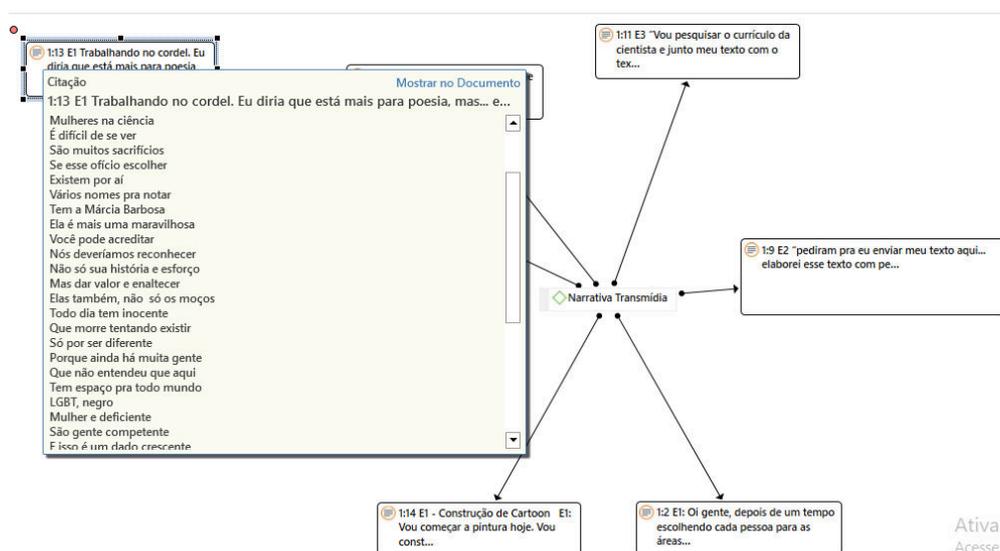


Figura 5 – NT do sujeito 1 com o gênero textual - cordel  
Fonte: Os autores

Quando observamos o cordel do sujeito E1, identificamos contextos reais sobre a temática, sobretudo fortalecendo a visibilidade trans nos seus discursos, o que nos revela empoderamento e lugar de fala. Assim, nos remetemos a Jenkins (2009) ao afirmar que a convergência surge a partir de nossas compreensões de mundo, relacionada com nossas vivências sociais e humanas. Inclusive, o sujeito relaciona a temática com outras áreas de conhecimento, o que contempla a visão em uma perspectiva interdisciplinar, e nos remete a Medeiros et al (2017) ao afirmar que a construção do conhecimento significativo, surge a partir das informações e sua

complexidade, com vários olhares sobre o objeto, paralelo a um conhecimento prévio e com pesquisa e informações inerentes ao objeto estudado.

## 6 Considerações finais

A educação e a aprendizagem não podem ser dissociadas da cultura digital, perceber a dinâmica da compreensão dos aprendentes ao produzirem NT revela as estratégias de aprendizagem. Deste modo, a cultura digital estabelece dinâmicas diferentes para vários elementos do cotidiano: trabalho, lazer, acesso à informação, entretenimento, comunicação, entre outros, utilizando meios e mídias digitais que alteram o formato e a velocidade das ações e conexões.

A convergência tecnológica fica evidente quando articulamos o conhecimento de forma coletiva, com objetividade de criar algo, típico e característico da cultura digital.

Os resultados revelam consolidações nas produções de NT com alunos dos anos finais do Ensino Fundamental e apresenta novas formas de metodológicas de atuar com os aprendentes, gerando adaptações no processo de ensino e aprendizagem sempre retomado e ressignificado.

## Referências

- Aguiar, K. F., & Rocha, M. L. (1997). *Práticas universitárias e a formação sócio-política*. Anuário do Laboratório de Subjetividade e Política, nº 3/4, 1997.
- Bauman, Z. (2009). *A arte da vida*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Brasil. (2006). *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº. 11.274/2006. Brasília.
- Cannito, N. (2010). *A televisão digital: interatividade, convergência e novos modelos de negócios*. São Paulo: Summus.
- Castells, M. (2009). *A sociedade em rede*. A era da informação: economia, sociedade e cultura. v. 1. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra.

- Deleuze, G., & Guatarri, F. (1995). *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1; Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. —Rio de Janeiro: Ed. 34.
- Fazenda, I. C. A. (1994). *Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa*. São Paulo: Papirus.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia do oprimido: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Gosciola, V. (2002). *A Máquina de Narrativa Transmídia: transmidiação e literatura fantástica*. Revista Comunicación, nº10, v.1, p.131-139. ISSN 1989-600X
- Gosciola, V. (2011). Narrativa transmídia: a presença de sistemas de narrativas integradas e complementares na comunicação e na educação. *Quaestio - Revista de Estudos em Educação*, Sorocaba, SP, v. 13, n. 2, p. p. 117-126.
- Jenkins, H. (2009). *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph.
- Lévy, P. (2000). *Cibercultura*. 2.ed. São Paulo: Editora 34.
- Massarolo, J. C. & Mesquita, D. (2013). *Narrativa Transmídia e a Educação: panorama e perspectivas*. Disponível em: [https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/edicoes/edicoes/ed09\\_abril2013/NMES\\_3.pdf](https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/edicoes/edicoes/ed09_abril2013/NMES_3.pdf). Acesso em: 2 de Jun. 2018.
- Massarolo, J. C. & Mesquita, D. (2014). Reflexões teóricas e metodológicas sobre as narrativas transmídia. In: XXIII ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2014. Belém, *Anais [...]*. Belém: Universidade Federal do Pará, 2014. Disponível em: [http://www.compos.org.br/biblioteca/reflex%C3%B5este%C3%B3ricasemethodol%C3%B3gicassobreasnarrativastransm%C3%ADdia\(jo%C3%A3omassaroloedario mesquita2014\)\\_2241.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/reflex%C3%B5este%C3%B3ricasemethodol%C3%B3gicassobreasnarrativastransm%C3%ADdia(jo%C3%A3omassaroloedario mesquita2014)_2241.pdf)
- Moraes, M. C. (2015). *Transdisciplinaridade, criatividade e educação*. Campinas: Papirus.
- Moran, J. M.; Masetto, M. T.; & Behrens, M. A. (2000). *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas: Papirus.
- Oliveira, M. M. (2016). *Como fazer pesquisa qualitativa*. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

- Passos, E.; Kastrup, V.; Escóssia, L. (org.). (2015). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 207 p. ISBN: 978-85-205-0530-4.
- Pêcheux, M. (2012). *Análise de discurso*. Textos selecionados por Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas, SP: Pontes.
- Pernambuco (2018). Governo do Estado. Currículo de Ciências para o Ensino Fundamental do Estado de Pernambuco.
- Pinheiro, N. A. M. (2005). *Educação crítico-reflexiva para um ensino médio científicotecnológico: a contribuição do enfoque CTS para o ensino-aprendizagem do conhecimento matemático*. Tese (Doutorado em Educação Científica e Tecnológica) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Resende, V. L. (2013). A narrativa transmidiática: conceitos e pequenas dissonância. In: VII SIMPÓSIO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM CIBERCULTURA, 2013. Curitiba, *Anais eletrônicos* [...]. Curitiba: ABCiber. Disponível em: [http://abciber.org.br/simposio2013/anais/pdf/Eixo\\_5\\_Entretenimento\\_Digital/25959arq05638141600.pdf](http://abciber.org.br/simposio2013/anais/pdf/Eixo_5_Entretenimento_Digital/25959arq05638141600.pdf). ISSN 2175-2389.
- Scolari, C. A. (2013). *Narrativas transmedia: cuando los medios cuentan*. Barcelona: Deusto.